



Valter Hugo Mãe e *As doenças do Brasil*: o dilema da mestiçagem na identidade brasileira

Valter Hugo Mãe and *As doenças do Brasil*: the dilemma of miscegenation in Brazilian identity

Dossiê: intérpretes do Brasil

Rafaella Cristina Alves Teotônio*

ORCID: 0000000155874256

E-mail:
faelacristina@gmail.com

Recebido: 08/11/2024
Aprovado: 18/02/2025

Resumo:

O artigo analisa o romance *As doenças do Brasil*, do escritor português Valter Hugo Mãe, tendo como objetivo discutir o tema da mestiçagem. Em diálogo com o pensamento acerca da identidade brasileira, mas também com o apoio de uma Crítica Decolonial, busca-se analisar como o autor recria a história do nascimento do Brasil, a partir de uma trama que conta acerca dos *abaeté*, povo indígena fictício que vive na Ilha dos Três Mares. Nesse território que se entende como o Brasil, Honra, o personagem mestiço, fruto do estupro perpetrado pelo animal branco à indígena Boa de Espanto, tem que lidar com um conflito identitário, consequência das suas heranças branca e indígena. Para essa análise são utilizadas as contribuições teóricas de DaMatta (1981), McClintock (2010), Cusicanqui (2010), dentre outros.

Palavras-chave:

Valter Hugo Mãe; Mestiçagem; Identidade brasileira.

Abstract:

This article analyzes the novel *As doenças do Brasil* by Portuguese writer Valter Hugo Mãe, with the aim of discussing the theme of miscegenation. In dialogue with the thinking about Brazilian identity, but also with the support of a Decolonial Critique, the article seeks to analyze how the author recreates the story of the birth of Brazil, based on a plot that tells about the *Abaeté*, a fictional indigenous people who live on the Ilha dos Três Mares. In this territory that is understood as Brazil, Honra, the mixed-race character, the result of the rape perpetrated by the white animal on the indigenous Boa de Espanto, must deal with an identity conflict, a consequence of his white and indigenous heritage. For this analysis, the theoretical contributions of DaMatta (1981), McClintock (2010), Cusicanqui (2010), among others, are used.

Keywords:

Valter Hugo Mãe; Miscegenation; Brazilian identity.

* Possui doutorado em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, mestrado em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade e graduação em Letras (habilitação em Língua Portuguesa), ambos pela Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente, é professora adjunta de Literaturas em Língua Portuguesa na Universidade de Pernambuco (UPE - Campus Mata Norte) e do Mestrado Profissional em Letras, sendo também pesquisadora do Centro de Estudos Linguísticos e Literários da UPE (CELLUPE) e líder do GPERAS (Grupo de Pesquisa em Estudos sobre Representações, Alteridades e Subjetividades). Atua também como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco na linha de pesquisa em Perspectivas culturais, pós-coloniais e decoloniais.

Introdução

O Brasil não existe: o que existe é uma multiplicidade de povos, indígenas e não-indígenas, baixo o tacão de uma elite corrupta, brutal e gananciosa, povos unificados à força por um sistema mediático e policial que finge constituir-se em um Estado-Nação territorial. Um lugar que é o paraíso dos ricos e o inferno dos pobres. Mas entre o paraíso e o inferno, existe a terra. E a terra é dos índios. **Isto posto, no Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é.** (Eduardo Viveiros de Castro, 2022)

O trecho em destaque na epígrafe, retirado da fala do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, em entrevista ao jornal português *Público*, reflete sobre a construção/invenção de uma identidade brasileira que se construiu em torno de uma “noção-fantasma”, capaz de apagar a violência da história de escravidão e etnocídio no Brasil. Mais do que examinar a violência contida em torno da noção de “identidade brasileira”, Viveiros aborda a ideia de uma multiplicidade de povos, indígenas e não-indígenas, que constituem o território brasileiro. É, precisamente, na exceção que essa identidade forjada se constitui, no apagamento das diferenças e da violência contra os diversos “brasis” contidos no “Brasil”. A discussão de Viveiros de Castro se insere no questionamento acerca da identidade brasileira e sua noção de mestiçagem como conceito que inventa uma lógica de harmonia e apaziguamento diante dos conflitos entre os diferentes povos e culturas que constituem o território brasileiro.

Nesse sentido, a literatura, enquanto um modo de invenção nacional, contribuiu significativamente para o imaginário acerca dessa identidade brasileira, principalmente em torno da noção de mestiçagem. A identidade nacional foi, por muito tempo, um tema presente nas obras de escritores brasileiros, principalmente no Romantismo e no Modernismo. No Romantismo, a figura de um povo indígena idealizado em uma nação mítica, onde a junção do branco europeu e do indígena nativo constituía a sua gênese, buscou construir uma identidade nacional à Literatura Brasileira. A partir deste mito fundacional, os românticos criaram a imagem de um indígena guerreiro e submisso ao branco colonizador, como Peri em *O Guarani*, obra de José de Alencar. Os românticos brasileiros acreditavam que era necessário instaurar, a partir da literatura, um mito de fundação do Brasil, onde as duas raças, a branca e a indígena, representavam os povos da nação. Entretanto, este imaginário idealizado excluía os povos negros dessa identidade e não condizia com a realidade de extermínio da população indígena no país.

Anos mais tarde o Modernismo tratou de rever essa ideia de identidade nacional, problematizando o imaginário mítico dos românticos, trazendo para a cena o elemento negro como constituinte e compreendendo a miscigenação como um traço inerente à identidade brasileira. *Macunaíma*, obra de Mário de Andrade, é produto desse ideário modernista e busca problematizar o próprio conceito de identidade na figura de um herói sem nenhum caráter, um herói sem nenhuma identidade fixa, sem nenhuma raça específica, Macunaíma. Mesmo se apropriando de uma divindade da cosmologia indígena *Taurepang*, *Makunaimã*, homogeneizando e simplificando as culturas afro-

indígenas do Brasil, Andrade e o Modernismo inseriram novos elementos à discussão em torno da identidade brasileira. Ao problematizarem essa identidade, construíram mais um signo em torno do debate da nacionalidade.

Em 2021, no auge da crise política e econômica do país e em meio a pandemia do covid-19, o escritor português Valter Hugo Mãe decidiu contribuir para essa construção identitária. O resultado foi a publicação do romance *As doenças do Brasil*, que aborda, além da invasão do branco europeu ao território dos povos originários das Ilhas dos Três Mares, que se entende como o Brasil, a questão identitária do povo brasileiro. Em *As doenças do Brasil*, o olhar do colonizador, o olhar de fora, é reatualizado, a partir de uma narrativa que busca tocar na ferida colonial. Honra, o personagem mestiço do romance é o fruto da violência da colonização, mas também a representação do dilema da mestiçagem, problemática que se insere no pensamento em torno da identidade do Brasil, a partir da lógica da “Fábula das três raças”, como refletiu o antropólogo Roberto DaMatta (1981). Este artigo procura discutir acerca do tema da mestiçagem no romance *As doenças do Brasil*, do autor português Valter Hugo Mãe, em diálogo com o pensamento socioantropológico sobre a identidade brasileira e a construção literária da identidade nacional pela Literatura Brasileira. A partir de uma discussão que reflete sobre o mito da democracia racial, a mestiçagem e o apagamento da violência na construção da ideia de identidade brasileira, na esteira do pensamento de Roberto DaMatta (1981), Silvia Cusicanqui (2010), Munanga (2019) e Anne McClintock (2010), proponho analisar a representação do trauma do nascimento da nação na obra de Valter Hugo Mãe.

Tupi or not Tupi?

Em uma primeira leitura, o título do romance do escritor português, Valter Hugo Mãe, *As doenças do Brasil*, parece remeter as doenças que assolam o país, como a pandemia de covid-19 que recentemente vitimou milhares de pessoas, mas é apenas a aparência. Ao folhear as primeiras páginas deste romance é possível identificar, nas epígrafes, a inspiração do autor no *Sermão da Visitação de Nossa Senhora*, do Padre Antônio Vieira, escrito em 1638. As doenças do Brasil, como escreveu Vieira, são: “tomar o alheio, cobiças, interesses, ganhos e conveniências particulares, por onde a justiça se não guarda, e o Estado se perde” (Vieira apud Mãe, 2021, p.16). É, justamente, sobre o roubo e a cobiça, mais precisamente o “roubo da nação”, o tema do romance do escritor português, publicado pela Biblioteca Azul, em 2021, no auge de um cenário de desastre político, sanitário e social do Brasil.

As doenças do Brasil trata-se de uma espécie de alegoria, recriação do nascimento da nação brasileira a partir de um olhar simbólico e mítico. O Brasil que se lê no título não está na narrativa, que se passa em um lugar chamado a Ilha dos Três Mares, onde

onde um povo indígena fictício, os *abaeté*, precisa lidar com as consequências da invasão do “animal branco”, como é chamado, um invasor branco que estupra uma indígena. Desse estupro nasce Honra, o personagem mestiço, fruto da violência da invasão. A princípio e, pelo enredo, a narrativa de *As doenças do Brasil* remete, de maneira lógica, à invasão europeia a América, principalmente à invasão portuguesa ao território brasileiro em 1500. Entretanto, ao percorrer as próximas páginas do romance é possível compreender a complexidade do tema que este enredo encerra. É quando o personagem Meio da Noite aparece na narrativa que o tema da mestiçagem começa a se tornar mais nítido e compreende-se a narrativa como uma problematização de dois mitos: o da miscigenação e da democracia racial, no Brasil, e o do “bom colonialismo” em Portugal.

Enquanto um escritor branco e europeu que possui uma intensa relação com o Brasil, país em que seus livros possuem milhares de leitores, Valter Hugo Mãe escreve para os dois lados de uma história complexa: a colonização do Brasil pelos portugueses. Ao problematizar a colonização portuguesa, Mãe propõe uma resignificação da história, principalmente a portuguesa que, ainda hoje, valoriza as navegações como a grande glória do país. Nesse sentido, o romance de Mãe não apenas desmistifica o mito de uma miscigenação não violenta, como busca reverter o caráter “inocente” que Portugal produziu em torno da história do seu império. Sobre este colonialismo inocente, Eduardo Lourenço (2014) já alertara, em seu ensaio sobre o colonialismo português, *Da ficção do império ao império da ficção*, sobre a construção de uma imagem ficcional do império português que continuou a se desenvolver mesmo após a Revolução dos Cravos e a descolonização das antigas colônias portuguesas na África. A “versão idílica da colonização” e a falta de problematização em torno de sua história revela uma grave amnésia ou indiferença dos portugueses:

Corremos agora — e às vezes os mesmos que com tanta desenvoltura se comportaram — atrás de «mitos» outrora apresentados, em parte a justo título, como alienantes ou irrealistas e hoje, de novo em circulação, transformados em «lugar-comum» e destinados, no fundo, a colmatar um traumatismo que feriu e fere o nosso imaginário mas não a nossa realidade, a tal ponto o Império, para a consciência metropolitana, foi quase só, mera ficção. (Lourenço, 2014, p. 263-264)

Desse modo, pode-se pensar que *As doenças do Brasil* é um livro feito para portugueses e não para brasileiros. É certo que, em se tratando dos temas que suscita, o romance de Valter Hugo Mãe recorre à problematização de um dos temas mais discutidos pelos intelectuais brasileiros: a mestiçagem. Envolve em um grande imaginário intelectual, mas não só, a ideia de mestiçagem se tornou o centro de um conceito de identidade nacional que remonta às teorias deterministas e racistas do século XIX às elucubrações de grandes pensadores brasileiros, como Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro e Sergio Buarque de Holanda, em seus respectivos livros *Casa Grande e Senzala*, *O povo Brasileiro* e *Raízes do Brasil*. Inclusive, é no livro de Darcy Ribeiro que se pode encontrar, talvez, umas das possíveis leituras que influenciaram o autor Valter Hugo Mãe na criação do seu romance, já que Ribeiro, ao tentar construir uma reflexão em

torno das matrizes étnicas do Brasil aborda acerca dos povos que viviam e os que desembarcaram na “Ilha Brasil”: “Embora minúsculo, o grupelho recém-chegado de além-mar era superagressivo e capaz de atuar destrutivamente de múltiplas formas. Principalmente como uma infecção mortal sobre a população preexistente, debilitando-a até a morte (Ribeiro, 2006, 26-27)”.

Apesar da constatação da violência colonial trazida pelos portugueses por algumas dessas teorias, a exemplo da citação do livro de Darcy Ribeiro, a ideia de que a identidade do Brasil foi formada pelo encontro entre três raças ou três povos, o branco europeu, o negro e o indígena, construiu a autopercepção de um povo diverso, singular e harmonioso, como um produto do encontro de povos diferentes. Como consequência desse pensamento foi criado um imaginário acerca da identidade brasileira que ocultou a violência do embate colonial, apaziguando a história de conflito entre os povos originários e europeus no Brasil, para além da ocultação do racismo estrutural que perpassa a nação. Nas palavras de Roberto DaMatta:

Pode-se, pois, dizer que a “fábula das três raças” se constitui na mais poderosa força cultural do Brasil, permitindo pensar o país, integrar idealmente sua sociedade e individualizar sua cultura. Essa fábula hoje tem a força e o estatuto de uma ideologia dominante: um sistema totalizado de ideias que interpenetra a maioria dos domínios explicativos da cultura. [...] é essa fábula que possibilita visualizar nossa sociedade como algo singular – especificidade que nos é presenteada pelo encontro harmonioso das três “raças”. Se no plano social e político o Brasil é rasgado por hierarquizações e motivações conflituosas, o mito das três “raças” une a sociedade num plano “biológico” e “natural”, domínio unitário, prolongado nos ritos de Umbanda, na cordialidade, no carnaval, na comida, na beleza da mulher (e da mulata) e na música... (DaMatta, 1981, p.69-70).

Dessa fábula, endossada pela literatura romântica brasileira, mas também pelo Modernismo, o autor Valter Hugo Mãe retirou a matéria para escrever *As doenças do Brasil*. A partir de um questionamento acerca do trauma do nascimento da nação, Mãe relê a história do Brasil pelas lentes de uma miscigenação forçada e violenta, desmistificando a “fábula das três raças” e o significado de harmonia que este mito constrói. No romance, a construção de um povo indígena fictício, que de maneira ambígua homogeneiza os diversos povos originários do Brasil, o autor Valter Hugo Mãe recria o primeiro contato entre brancos e indígenas no território brasileiro como um encontro violento. Nas primeiras páginas do seu romance, a fúria do “animal branco”, como é chamado o europeu no livro, é descrita pela visão do narrador em terceira pessoa:

O animal branco é o animal vazio, fera sem sinal de espírito, máscara vocabular que deita a palavra do mal, preda por ser torpe, dissimula e seduz, sua fealdade é infecção, existe no mundo aos mil, certamente dez vezes mil, semelhante aos sagrados abateé mais torto, vocacionado para devorar e matar, o branco não é alguém, imitador dos que soam, é o abismo num corpo erguido e abeira para conter tudo quando não lhe pertence, o lugar e a carne dos outros, a paz e a fertilidade dos outros, os que acordaram por eternidades seus compromissos para maturarem no esplendor da criação, ele não permite a confiança, seus acordos são a traição, a morte da gentileza. Sem intenção de maturar, a fera branca é sem sentido. Deriva em suas navegações e assombra a mata, azarando e solicitando a guerra aos que soam. (Mãe, 2021, p.23)

Ao escolher a terceira pessoa para narrar o livro, o autor consegue mimetizar a visão dos povos originários sem subtrair a sua própria visão. Trata-se de uma estratégia que busca tornar o ponto de vista da narrativa, ao mesmo tempo, neutro e indígena. Não são os indígenas, transmutados na figura dos *abaeté* que contam a história, mas um narrador exterior que a conta querendo recriar a visão indígena. Dessa forma, Mãe retorna a mesma estratégia narrativa contida em *O Guarani* e em *Macunaíma*, mas se eximindo da problemática de um lugar de fala enquanto um homem branco europeu falando de uma questão indígena e brasileira. Além disso, diferente dessas obras, o autor também constrói uma linguagem que tenta recriar, de modo poético, uma linguagem indígena literária. Todo o livro remete a uma ficcionalidade, nos tons de uma alegoria sobre o Brasil que se apoia nos seus mitos sociais e literários. Em contrapartida, é possível também ver uma reatualização desses mitos e uma possível influência de vozes e cosmopercepções indígenas, como sugere a epígrafe de Davi Kopenawa e a dedicatória à Ailton Krenak.

Pode-se considerar esta estratégia narrativa como algo negativo, capaz de estereotipar a figura do indígena, como aconteceu com os personagens de Peri e Iracema, mas olhando por outro lado, essa linguagem indígena fictícia também colabora para uma áurea encantada que leva o leitor ao espaço simbólico da trama: o território brasileiro antes da invasão portuguesa. É nesse território que a indígena Boa de Espanto é estuprada pelo “animal branco”. A memória desse estupro percorre toda a narrativa como a memória de um trauma que necessita ser superado. Fruto dessa violência, o personagem Honra é metade indígena e metade branco, construção simbólica da miscigenação. Na trama, Honra sofre por não ser igual aos outros *abaeté*, sua diferença é o ponto forte da história, que busca nas inversões maneiras de discutir acerca da representação hegemônica do corpo branco como ideal de beleza:

Honra mesmo se convenceu de sofrer de alguma enfermidade que curaria pela generosidade de alguma erva, como muito haverá de merecer. Tantos banhos e pigmentos, tantos fumos e sucos, tantas patas de aranha, beijos de peixe, raspa de pau, e nada. Sua pele embrancava até embrancar muito demais. O seu cabelo também e ainda pior. Havia alguma coisa queimando no cabelo. Um capim seco que virava amarelo na ponta, podre. Entoava: sagrada mãe, meu cabelo está podre. Apodrece nas pontas muito diferente dos cabelos de outros curumins, que os sabem aumentar negros até o fim de sua extensão. Sagrada mãe, perguntava o feio. (Mãe, 2021, p.43)

O narrador chama Honra de feio, assim como os *abaeté* o veem, como diferente pela sua brancura herdada do branco que estuprou sua mãe. Honra não se sente pertencente ao povo *abaeté* por não se parecer fisicamente com eles e por falar a língua do animal branco, a língua infértil.

Sagrado Pai Todo, sou branco. Sei agora e não sei como não o via mesmo que vendo. Sou Branco. E esta cor não é cicatriz, é ferida e não sara. O inimigo parasita em mim para sempre. Sou uma possessão. Um espírito baixado sobre minha dignidade *abaeté*. Sou um bicho como nenhum outro da mata. Um inimigo menos semelhante. Um excremento do branco no ventre de minha mãe. Sou a morte, sagrado Pai Todo, eu sou a morte. (Mãe, 2021, p.34)

A construção da diferença no personagem mestiço também alude ao branqueamento forçado das culturas afro-indígenas no Brasil. Honra, mesmo sendo aceito pelo líder dos abaeté, Pai todo, não se sente indígena o suficiente. Sua mistura vai cada vez mais se tornando branca, em um processo de branqueamento da sua identidade: “Às conversas com o órgão vital, ao verdadeiríssimo ouvido, o guerreiro branco procurava um modo de cindir seu ser em dois. Depois, a metade abaeté poderia matar a metade intrusa e sarar” (Mãe, 2021, p.37). Sua branca é uma infecção, uma doença. Aludindo ao título da obra, uma das doenças do Brasil.

Diferentemente do processo forçado de branqueamento que sofreu as culturas africanas e indígenas no Brasil, o personagem Honra procura encontrar o seu lado abaeté, buscando matar o seu lado branco, revelando o dilema da identidade brasileira. Esse dilema, já articulado de modo diferente na obra de Mário de Andrade, *Macunaíma*, na figura de um herói sem caráter, aqui, na construção de Honra pelo olhar de Valter Hugo Mãe é assumido de modo complexo. Honra deseja matar seu lado branco, para isso necessita matar o pai, o animal branco.

Minha cor é ferida. Sou ferido por essa cor e não terei como sarar. Estou sempre ferido. Meu nascimento é um golpe inimigo no corpo de minha mãe que foi atacada sem permissão pelo branco. E eu vou aprender tudo sobre o branco para o matar. Eu vou matar, sagrado Meio da Noite, eu vou abeirar as aldeias e abrir os corpos dos mil brancos. (Mãe, 2021, p.105).

Nesse processo de inversão de signos hegemônicos, como a ideia de padrão de beleza concebida a raça branca, a obra de Mãe busca revelar as diferentes nuances do dilema da mestiçagem no Brasil. Em um país em que as diversas culturas afro-indígenas foram apagadas, sendo celebradas apenas no espetáculo da miscigenação, a cultura branca, herdada do colonizador europeu tornou-se a hegemônica, capaz de transformar as outras culturas em um suco de estereótipos tidos como inferiores pelo olhar da branquitude. Como aborda o antropólogo Kabengele Munanga (2019), essa branquitude, em um processo gradativo, buscou embranquecer a nação:

Embora houvesse uma resistência cultural tanto dos povos indígenas como dos alienígenas que aqui vieram ou foram trazidos pela força, suas identidades foram inibidas de manifestar-se em oposição à chamada cultura nacional. Esta, inteligentemente, acabou por integrar as diversas resistências como símbolos da identidade nacional. Por outro lado, o processo de construção dessa identidade brasileira, na cabeça da elite pensante e política, deveria obedecer a uma ideologia hegemônica baseada no ideal do branqueamento. Ideal esse perseguido individualmente pelos negros e seus descendentes mestiços para escapar aos efeitos da discriminação racial, o que teve como consequência a falta de unidade, de solidariedade e de tomada de uma consciência coletiva, enquanto segmentos politicamente excluídos da participação política e da distribuição equitativa do produto social. (Munanga, 2019, p.92-93)

De acordo com o pensamento de Munanga é possível perceber que essa “noção-fantasma” de identidade nacional, baseada em uma ideia de miscigenação, buscava apagar as outras identidades formadoras, a partir de um ideal de branqueamento. Em *As doenças do Brasil*, o dilema da mestiçagem se mostra mais aparente enquanto um

processo de aculturação com a chegada de Meio da Noite, o personagem negro. A princípio construído pelos mesmos elementos já reificados pela estereotipagem a que o indivíduo negro foi submetido na cultura brasileira, o personagem Meio da Noite é recebido com estranhamento pelos abaetés, que o veem como um animal robusto, enraivecido e amedrontado.

Os guerreiros acorreram à comunidade novamente e fizeram notícia de cuidado e brio. Pai Todo chefiou por três noites assim que ficasse o negro atado. Haveria de provar sua paciência para a paz e merecer ser libertado. Aparentado da escuridão, entenderam depois os abaeté, um jacaré mínimo viu oportunidade de adentrar a boca ressonante do negro e viveu no seu peito. Bem notaram que o sono lhe troava muito mais alto, e que em seu interior se fazia escutar um crepitar e até um movimento se via nas substâncias mais moles da barriga e acima da barriga, por vezes muito junto da garganta. Imediato, o bafo do negro mudou para insuportável e todos o lamentaram por se tornar pior. Era mais torto também. (Mãe, 2021, p.82-83)

Para os abaeté, o negro Meio da Noite parecia trazer um “jacaré no peito” por tamanha força que seu corpo aparentava, mas também raiva e dor, causando-os medo. Fato que fez o pajé do povo, Pai Todo, pedir que os guerreiros o amarrassem até que provasse sua paciência e mansidão. Na narrativa, os abaeté parecem, ao mesmo tempo, espantados e fascinados pela figura do personagem negro, remetendo a descrição desse personagem como o modo em que os negros foram estereotipados pelo olhar branco: grandes, fortes, raivosos, bestializados e sexualizados:

A comunidade toda se punha a caminho para espreitar de perto a fera tão parecida com alguém. Até as femininas que, entre o asco e o fascínio, comparavam o negro ao boto e à onça, à cobra e à ave escura. Falavam de tudo quanto fosse também desiluminado e estabeleciam pertenças como se a Verdadeiríssima Divindade houvesse decidido que as vidas negras eram semelhantes obrigatoriamente. E, entre o asco e o fascínio, muitas femininas assumiam gostar de como se compunha o corpo do animal, tão protuberante, tão largo. As patas, entoavam algumas femininas entusiasmadas, são pequenas rochas divididas por dedos. E riam. Quando alguém perguntava se haveriam de lhe mexer, mexer no corpo nocturno da fera, todas negavam. (Mãe, 2020, p.84).

Valter Hugo Mãe se utiliza do olhar preconceituoso da branquitude para descrever o personagem Meio da Noite. A ideia, segundo relatou em uma entrevista, é remeter, de modo incômodo, a maneira como os negros foram significados pelo discurso racista da branquitude. Essa estratégia que parece brutal para o leitor mais desavisado também pode ser interpretada como um dos elementos da discussão acerca do dilema da mestiçagem brasileira, pela via da reflexão sobre a aculturação e estereotipagem dos povos negros na identidade do Brasil. Meio da Noite, interpretado, a princípio, pelos abaeté como um animal assustador, é, logo depois, acolhido, a partir do momento em que, pela língua, Honra, o personagem mestiço, começa a lhe entender. O “bafo do negro”, enfatizado na citação anterior, revela que Meio de Noite fala a mesma língua que Honra: a Língua Portuguesa, a língua herdada do colonizador.

Poderia ser que apenas aliviasse sua vontade para a perder, mas o negro temeu e entoou, na suja língua branca, um pedido: Deus me ajude. E seu bafo fedeu muito entre todos. E todos escutaram e sentiram aquele nojo e Honra entendeu. Honra entoou: é a língua branca. A língua e o fedor da língua branca, a palavra que apodrece na boca e apodrece a boca. (Mãe, 2020, p.86)

Ao se reconhecerem como falantes da mesma língua, a língua do branco, portanto, na visão dos *abaeté*, a língua infértil, Honra acolhe Meio da Noite, pois consegue entender suas palavras, traduzindo-as para o seu povo que começa a compreender o negro como um igual. Nesse momento, a trama de Mãe revela não apenas a história de apagamento e violência que a Língua Portuguesa esconde, como também a ambiguidade perante a essa mesma língua. É pela imposição da língua que a colonização se construiu em torno da colonialidade, a do saber, como discutiu Quijano (2005). Na visão de Valter Hugo Mãe, é também por essa língua que os povos que foram aculturados, os negros e indígenas, se encontram e se unem, assim como Meio da Noite e Honra.

Essa dinâmica de alteridade que elabora a narrativa busca refazer o momento do encontro entre os diferentes povos no Brasil. Do estranhamento inicial dos *abaeté* à compreensão da sua dignidade, nasce a amizade entre Honra e Meio da Noite. Honra e Meio da Noite tem um objetivo em comum: atacar o inimigo branco, vingando, ao mesmo tempo, os *abaeté* e os povos negros. Honra, que é ao mesmo tempo, branco e indígena, ou seja, mestiço, é o guerreiro que quer atacar o branco que invadiu o corpo da sua mãe, libertando os negros que viviam em seu cativeiro e honrando a memória do seu amigo Meio da Noite, que se perde no mar durante a travessia que fazem em busca da ilha onde vivem as feras brancas. Na imagem dessa amizade, a história deixa claro ao leitor que os povos do Brasil precisam se unir contra o animal branco e a violência que ele exerce desde o nascimento da nação.

Nesse sentido, o personagem Honra é ao mesmo tempo, assim como Macunaíma, a personificação do dilema da mestiçagem, mas é também uma representação de uma ideia positiva acerca do Brasil enquanto uma nação gerada pelo encontro de várias raças. Mesmo que o nascimento da nação brasileira seja trágico, realizado a partir do estupro, como remete a passagem do estupro da indígena Boa de Espanto na obra, essas várias raças que se encontraram a partir da violência podem se libertar da opressão gerada pelo animal branco. Desse modo, o mestiço na narrativa de Valter Hugo Mãe não é a representação de uma mistura que apazigua a violência e que gera um produto harmônico (o brasileiro), como quis a ideia de democracia racial no Brasil, discutida por DaMatta (1981), mas se parece muito mais com o conceito de *ch'xi*, desenvolvido pela antropóloga boliviana Silvia Cusicanqui (2010):

La noción de *ch'xi*, por el contrario, equivale a la de “sociedad abigarrada” de Zavaleta, y plantea la coexistencia en paralelo de múltiples diferencias culturales que no se funden, sino que antagonizan o se complementan. Cada una se reproduce a sí misma desde la profundidad del pasado y se relaciona con las otras de forma contenciosa. La posibilidad de una reforma cultural profunda en nuestra sociedad depende de la descolonización de nuestros gestos, de nuestros actos, y de la lengua con que nombramos el mundo. El retomar el bilingüismo como una práctica descolonizadora permitirá crear un “nosotros” de interlocutores/as y productores/as de conocimiento, que puede posteriormente dialogar, de igual a igual, con otros focos de pensamiento y corrientes en la academia de nuestra región y del mundo. La metáfora del *ch'xi* asume un ancestro doble y contencioso, negado por procesos de aculturación y “colonización del imaginario”, pero también potencialmente armónico y libre, a través de la liberación de nuestra mitad india ancestral y el

Pensando a partir dos termos de Cusicanqui, o romance de Valter Hugo Mãe busca entender a identidade brasileira não como uma mistura que se homogeneiza e apaga as diferenças herdadas pelas múltiplas culturas, mas uma identidade que assume os antagonismos das suas culturas como um modo de construir um conhecimento que partirá da busca pela herança apagada, as heranças afro-indígenas. Não se trata de buscar “matar o pai”, a herança europeia do colonizador, pois há uma impossibilidade de apagamento dessa história, mas de reconstruir a história a partir da visão dos negros e indígenas, reelaborando uma identidade que quer, dessa vez, reconstruir os elementos afro-indígenas que foram negados. Nessa problematização da história, Mãe segue um percurso comum às obras que compõem o Romance Português Contemporâneo, na esteira da metaficção historiográfica, conceito elaborado por Linda Hutcheon (1991) e que é assumido enquanto uma obsessão pelos autores da Literatura Portuguesa Contemporânea no contexto pós-Revolução dos Cravos (Arnaut, 2002; Dantas, 2012). A metaficção historiográfica, como reflete Hutcheon, busca tornar mais nítidas as relações entre história e ficção, elementos que são compreendidos enquanto construtos linguísticos. Nesse sentido, esses romances buscam não apenas reescrever a história, mas problematizá-la. Em *As doenças do Brasil*, essa problematização assume a busca do autor em reescrever não apenas a história do Brasil, mas a história de Portugal, um país que ainda comemora os feitos do colonialismo.

O animal branco e o corpo violado da nação

Na narrativa de *As doenças do Brasil*, a metáfora do estupro, como ilustração da invasão da nação, abre a trama para recriar o processo de colonização do território brasileiro pelos portugueses e europeus. Esse estupro denota a violência enquanto marco trágico do nascimento do Brasil. Essa nação que, em sua história oficial, contou o seu nascimento a partir da ótica europeia enquanto um “descobrimento”, tem no romance de Mãe a sua história recontada pela ênfase na violência. O “descobrimento” dá lugar a “invasão”, reiterando um movimento próprio do momento histórico contemporâneo, em que a história hegemônica, contada pela ótica branca, se vê confrontada pelas múltiplas vozes que reclamam serem ouvidas e incluídas como parte da história e identidade brasileira. Nessa metáfora, a nação torna-se um corpo e parece emblemático que seja um corpo feminino, já que, como mostra a História, várias mulheres indígenas e negras foram estupradas no processo de colonização do Brasil. E, mesmo que este dado pareça ser uma informação do passado, ainda hoje, corpos de mulheres, indígenas e negras, continuam a sofrer diversas violências.

É por isso que o corpo da nação é feminino, e Honra, o personagem mestiço, busca matar o pai para tentar se livrar da ascendência branca. Esse enredo que ilustra a

psicanálise da nação remete também acerca do modo como o território brasileiro, mas também muitos outros espaços colonizados pelos europeus foram significados. Em seu estudo acerca de imagens e narrativas do colonialismo, *Couro Imperial*, Anne McClintock (2010) elaborou uma análise psicanalítica dos significados ocultos nas narrativas coloniais. Para McClintock (2010) a história dos colonialismos deve ser analisada em confluência com a história do gênero e da dominação masculina:

Argumento ao longo deste livro que o imperialismo não pode ser plenamente compreendido sem uma teoria do poder do gênero. O poder do gênero não foi a pátina superficial do império, um brilho efêmero sobre a mecânica mais decisiva da classe ou da raça. Mais que isso, a dinâmica do gênero foi, desde o início, fundamental para assegurar e manter o empreendimento imperial. (McClintock, 2010, p.23)

Um dos traços dessa dinâmica analisados pela autora é a ideia de feminização da terra. Nas histórias e relatos de navegantes e descobridores ilustres o corpo feminino se tornou a metáfora para os alumbramentos de homens que contavam sobre os territórios alcançados. As figurações da terra encontrada, a terra incógnita, exibiam perspectivas eróticas sobre os recônditos alcançados pelos aventureiros coloniais que criavam imagens fantasiosas do Oriente, projetando os desejos sexuais proibidos dos europeus.

As estórias dos viajantes estavam eivadas de visões da monstruosa sexualidade de terras distantes, onde, segundo a lenda, os homens exibiam pênis gigantes e as mulheres copulavam com macacos; dos seios dos homens tornados femininos fluía o leite, e as mulheres militarizadas cortavam os seus. Viajantes da Renascença encontravam uma audiência voraz e lasciva para suas estórias picantes, de tal forma que, muito antes da era do alto imperialismo vitoriano, a África e as Américas já se tinham tornado o que pode ser chamado de pornotrópicos para a imaginação europeia - uma fantástica lanterna mágica da mente na qual a Europa projetava seus temores e desejos sexuais proibidos. (McClintock, 2010, p.44).

McClintock (2010) analisa, portanto, como os territórios colonizados pelos europeus, em específico, foram associados a imagens que faziam analogias com o corpo feminino. Na lógica colonial, o Oriente era uma mulher, virgem e fascinante, que deveria ser penetrada violentamente. Na narrativa de *As doenças do Brasil*, que recorre frequentemente a inversões do olhar colonial, mas também do olhar da branquitude e do patriarcado, a feminização da terra ocorre em uma inversão que desmitifica e desconstrói o erótico no olhar colonial. Essa terra, vista como uma mulher virgem, será tomada a força pelo europeu, mas esse movimento não será interpretado como “descobrimento”. A nação enquanto um corpo feminino será estuprada e essa violência não será mais mascarada ou interpretada por uma via erótica. A violência da invasão portuguesa é, então, assumida, na narrativa:

E ele entrou no meu corpo por quase nada. Não era folia. Era fúria. Como quem permite um filho ao mundo por zanga e não por graça. Ele zangou em meu corpo. E eu olhei muito o seu rosto. Era de manhã. Não tinha nem olho, senão um pouco de luz de alguma cor que nem definia. Abria o olho e dali se via, para depois da cabeça, o céu azul sobre a cabeça, até depois das copas. Era furado. Se não ferisse meu corpo, eu podia pensar que o animal branco era sem peso, apenas um pedaço de som, um pouco de céu turvo. E ele mais demorou a bater meu corpo do que ferindo um filho em mim. Bateu muito para acertar de matar. E eu fiquei sem mover porque também acreditei ter ficado morta. Pensei, estou morta. (Mãe, 2010, p.98).

A lembrança do estupro é rememorada pela personagem Boa de Espanto até o final da narrativa, como se a rememoração fosse um processo de cura do trauma. O nascimento da nação é, portanto, traumático. O filho que o animal branco fere em Boa de Espanto é Honra, o fruto da invasão. É a partir da lembrança que a feminina, como são chamadas as mulheres pelos abaeté, pode superar o trauma do estupro e conseguir fazer com que os guerreiros encontrem o animal branco: “O teu inimigo mais abeirou. Tua lembrança abeira o inimigo. Ele vai ser encontrado pelo nosso povo e nosso povo vai matar. Quando tombar, o educaremos. Será inteiro na alegria abaeté. Não haverá mais sofrimento. Entoa de novo. Entoa de novo, sagrada Boa de Espanto” (Mãe, 2021, p.99). No entanto, ao lembrar do rosto do animal branco que o feriu, Boa de Espanto percebe que este rosto é igual ao do seu filho, Honra:

Este é o rosto da fera inimiga. É este o rosto da fera inimiga que feriu o filho em meu ventre. Assim o vi diante de meus olhos. O mesmo pouco verde atirado ao vazio. A mesma impressão de ser uma iluminação caída do céu. A força e o som de uma fera cujo corpo quase não difere do brilho. Então, Honra despertou e perguntou:
Sagrada Mãe, o que acontece. Altura Verde tomou a feminina, que levantou num só gesto, e apressou o passo dali para fora. Boa de Espanto, atônita, entendera que o filho crescera o rosto do inimigo. O filho tanto quisera acreditar que sua fealdade denunciaria a fera que ela mesma incrédula, lembrava agora. Honra imitara o rosto do branco, Era Branco e em tudo soubera imitar o branco. (Mãe, 2021, p.165-166).

Essa passagem é um ponto crucial da trama, pois Honra que, junto com Meio da Noite, vai em busca de matar o Pai, achando que assim mataria sua brancura, acaba por se perceber igual a ele, como se o imitasse, deixando apagado seu lado abaeté. A raiva e a vingança, enquanto sentimentos de ódio, são o que fazem Honra se tornar igual ao Pai, este que quer matar. Porém, o seu lado abaeté se expressa pela gentileza. Corroído pelo ódio por ser filho do animal branco, Honra não percebe que se tornou igual a ele. Ao conversar com o pajé dos abaeté, Pai Todo, para pedir permissão de navegar junto com Meio da Noite para além da Ilha dos Três Mares em busca de livrar os negros do cativeiro e matar o animal branco que feriu sua mãe, Honra é confrontado com o verdadeiro significado da luta abaeté.

A guerra abaeté é uma defesa, não é um ataque. Terás de decidir se, guerreando para atacar, haverá condição e regresso e se saberás ainda maturar para a nossa alegria. Não há caminho senão esse, o da alegria.
Honra insistiu:
Mas se o inimigo abeira. Está nas ilhas. Sua proximidade é ameaça, requer defesa.
Então, o santo respondeu:
Tu inteiro é a máscara do branco. Um abaeté mascarado. E abeiras o animal inimigo nesse perfeito disfarce. Sabes sua língua. Poderás passar apenas para observar, ver de perto como sobrevive para que sobreviva. Eu esperava de ti esta partida, mas nossa necessidade é com outro medo que não a raiva da vingança. Nossa cultura é sob a ameaça de uma palavra abissal. Uma ideia que preda o modo como vivemos, o nosso tempo concreto, sem mentira. (Mãe, 2021, p. 171).

Pai Todo alerta para o que realmente importa aos abaeté em seu conflito contra os animais brancos, o futuro, a palavra abissal. É sobre a ameaça de extinção das matas, animais, rios, mares, que a guerra abaeté deve combater, não apenas como vingança, mas como proteção e sobrevivência: “Chama-se futuro. É uma ideia para onde tudo cai,

os que soam, os bichos, as matas, os mares, o mundo inteiro, até a morte e a encantaria. O futuro é a ideia branca que abre por sobre todas as palavras para adoecer, e por sob todos os pés e todas as raízes, obrigando a pronúncia apenas depois, num depois que, por definição, não acontece” (Mãe, 2021, p.171). Em nome do futuro e do progresso, os animais brancos destroem a natureza, construindo sua lógica linear diante do tempo em contraposição aos povos não-ocidentais, os tidos como atrasados pelo projeto da *Modernidade/Colonialidade* que tem na sua matriz colonial do poder, a Europa como centro, como refletiu Walter D. Mignolo (2020). No pensamento modernizador da colonialidade encontra-se a ideia de civilização como ápice do progresso, algo que reflete também Ailton Krenak (2016) e que Mãe utiliza como epígrafe para abrir o romance:

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisa ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. (Krenak, 2019 apud Mãe, 2021, p. 16).

Mesmo ouvindo Pai Todo, Honra decide seguir a sua vingança e parte com Meio da Noite na busca por matar seu pai. Porém, ao se deparar com o inimigo igual a si, e crendo que mesmo o matando, não mataria a sua brancura, Honra decide por não o matar. Sua ancestralidade abaeeté é mais forte e guia-o em sua decisão: “Eu lavarei de mim a fúria. Um abaeeté não odeia senão pela obrigação de defender. Ficará com teu futuro, essa mentira que propagas, e eu estarei liberto entre meus povos, pronto para te matar no instante em que abeires para atacar” (Mãe, 2021, p.185).

Conclusão

O final da narrativa de *As doenças do Brasil*, assim como todo o seu enredo, remete a uma interpretação psicanalítica da nação: a pátria colonizada como a mãe violada, o colonizador como o pai violador. O filho mestiço, portanto, precisa matar o pai, matando sua herança colonial e violenta. Mas, mesmo com essa obviedade, a narrativa de Valter Hugo Mãe, em seu *plot twist* final, revela que, não é matando o pai que o filho mestiço encontrará a cura para sua fealdade branca. Ou seja, não é negando a sua herança branca que irá encontrar a cura, mas é buscando na sua ancestralidade indígena, enquanto mestiço, que poderá encontrar a solução para a violência da sua herança colonial. Nesse sentido, a narrativa de *As doenças do Brasil* elabora uma reflexão sobre a identidade brasileira enquanto o fruto de um encontro violento entre as raças que culminou no trauma da herança colonial. Não é matando os traços do colonizador que poderemos nos livrar da herança violenta do animal branco, pois esse traço é real e, talvez, inextinguível, mas é buscando em outras ancestralidades, as indígenas e africanas, que poderemos encontrar, na nossa mestiçagem, uma nova forma de encarar o mundo. Como Ailton Krenak (2022, p.11) refletiu, “se há futuro a ser cogitado, esse futuro é

ancestral, porque já estava aqui”.

Referências

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O lugar impossível da identidade brasileira. *Entrevista ao Jornal Público para Isabel Lucas*. São Paulo: 1 de agosto de 2022.

CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores* - 1a ed. - Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1981.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOURENÇO, Eduardo. *Do colonialismo como nosso impensado*. RIBEIRO, Margarida Calafate; VECCHI, Roberto. (orgs). Lisboa: Gradiva, 2014.

MÃE, Valter Hugo. *As doenças do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2021

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Tradução: Plínio Dentzien. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, p. 117-142

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006